

# ANÁLISE DE UM NOME GERAL NA FALA DOS MINEIROS: PARA QUE SERVE ESSE TREM?<sup>1</sup>

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque \*

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise do emprego de trem em dados de língua oral. Como referencial teórico, adotam-se pressupostos da Semântica Lexical (Mihatsch, 2006) e da Linguística Textual, em interface com a Linguística Cognitiva (Francis, 2003; Halliday e Hasana, 1995 [1976], Oliveira, 2006; Schmid, 2000). O corpus está constituído por gravações de entrevistas sociolinguísticas realizadas com moradores de diferentes cidades de Minas Gerais. Os resultados obtidos possibilitam afirmar que trem é usado preferencialmente para a referência anafórica a entidades concretas não humanas que recebem avaliação negativa por parte do informante.

**PALAVRAS-CHAVE:** trem; nomes gerais; léxico.

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze the word “trem” in the oral language. As theoretical reference, we adopted presuppositions of the Lexical Semantics (Mihatsch 2006) and Textual Linguistics in interface with the Cognitive Linguistics (Francis, 2003; Halliday e Hasana, 1995 [1976], Oliveira, 2006; Schmid 2000). The corpus is composed by recordings of sociolinguistic interviews conducted with residents of different cities from Minas Gerais. The results allow us to assert that “trem” is preferably used for anaphoric reference to non-human entities that receive negative evaluation by the informant.

**KEYWORDS:** trem; general names; lexicon.

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresenta-se uma análise do emprego do item *trem* no português oral de Minas Gerais. Parte-se do pressuposto de que *trem* pertence a uma categoria de elementos que estão entre o léxico e a gramática. Pretende-se responder a perguntas como: Quais são as propriedades gramaticais de *trem* nos dados de língua oral registrados em diferentes localidades de Minas Gerais? Que características textuais apresenta esse item? A hipótese é que *trem*, tendo adquirido as propriedades de um nome geral (Amaral e Ramos, a sair), teria um comportamento textual próximo a um elemento anafórico. Além disso, seria empregado preferencialmente em contextos negativos, já que, além de ser usado para entidades sem nome ou cujo nome o falante não sabe, não lembra ou não

<sup>1</sup> Apoio: FAPEMIG - Processo SHA-APQ-00012-11.

\* Dr. em Letras (Língua-Espanhola e Lit. Espanhola e Hispano-Americana) pela USP, professor adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais; Faculdade de Letras; Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

quer explicitar, seria um recurso para se fazer referência a entidades que lhe causam algum incômodo.

O artigo vai se organizar da seguinte forma: inicialmente, são retomados os trabalhos que tratam dos nomes gerais, incluindo um conjunto de estudos que relacionam itens como esses aos diferentes tipos de anáfora. Em seguida, retomam-se pesquisas recentes sobre o item *trem*. Posteriormente, são apresentados os aspectos metodológicos da pesquisa, com informações sobre a constituição do *corpus* e sobre os procedimentos adotados para a análise, a qual virá em seguida. Por fim, apresentam-se as conclusões.

## ASPECTOS TEÓRICOS

### Os nomes gerais

Em estudo sobre a coesão lexical, Halliday e Hasan (1995 [1976]) destacam a função coesiva exercida por nomes gerais (chamados de *general nouns*), que, conforme apontam, constituem uma classe intermediária entre os substantivos e os pronomes. Em sua obra, os autores apresentam a seguinte lista de nomes gerais, com seus respectivos traços semânticos:

- a) *people, person, man, woman, child, boy, girl* [humano];
- b) *creature* [animado não humano];
- c) *thing, object* [inanimado concreto contável];
- d) *stuff* [inanimado concreto não contável];
- e) *business, affair, matter* [inanimado abstrato];
- f) *move* [ação];
- g) *place* [lugar];
- h) *question, idea* [fato] (Halliday e Hasan, 1995 [1976], p. 274).

A partir de perspectivas teórico-metodológicas diferentes, outros estudos retomam vários pontos levantados por Halliday e Hasan. Podem-se citar aqui os trabalhos sobre a organização do léxico (Oliveira, 2006), sobre a linguística de *corpus* na identificação, quantificação e análise dos nomes gerais (Mahlberb, 2005) e sobre a presença de itens como *trem* no português brasileiro (Amaral e Ramos (a sair). Com foco nas propriedades semântico-lexicais, podem ser citados os trabalhos de Mihatsch (2002; 2006a; 2006b) e, com relação às funções coesivas, Francis (2003) e Schmid (2000)<sup>2</sup>. A seguir, serão retomados aspectos semântico-textuais que são relevantes para a análise de *trem*.

<sup>2</sup> Os nomes gerais também têm interessado também aos estudiosos da gramaticalização. Estudos com esse enfoque, no entanto, não serão discutidos neste artigo. Vejam-se, a respeito: Haspelmath (1997), Heine e Kuteva (2002), Heine e Song (2010; 2011), Giacalone e Sansò (2007; 2011).

Inicialmente, é interessante observar o que afirma Mihatsch (2006) a respeito da formação e uso dos denominados *substantivos passe-partout*, isto é, elementos de conteúdo genérico que assumem funções gramaticais e se assemelham ao que se está chamando aqui de nomes gerais. Para a autora, o ponto de partida para a formação desses substantivos seria a situação na qual uma designação correta não é acessível para o falante. Entretanto, pode ser também que o referente não tenha importância, ou seja, algo incômodo. Conforme Mihatsch (2006), para os altos graus de generalização, encontram-se numerosos lexemas pejorativos. Para exemplificar, a autora analisa dados do espanhol, do francês e do alemão.

No caso do espanhol, tem-se *trapo*, usado para designar peças de roupa sem valor e *chisme*, significando ‘assunto que não se pode ou não se quer mencionar’: *Que ese chisme no nos sirve para nada* (apud Mihatsch, 2006, p. 193). A autora destaca ainda que é possível a formação de *passe-partout* a partir de coisas grandes e volumosas, como é o caso de *Möbel* do alemão. O item do espanhol *trasto* (<*trastrum* ‘travessão/barco de remar’), aponta a autora, teria possibilitado os sentidos de ‘peça de móvel volumosa’ e ‘coisa sem utilidade’.

Essa análise para os dados do espanhol leva à seguinte questão: no português, teria *trem* também uma tendência para a referência a entidades que causariam algum incômodo? Ou, de modo mais amplo, para referência a entidades de avaliação negativa? Há argumentos que conduzem tanto à resposta *não* quanto à resposta *sim* para esse questionamento.

Por um lado, o item *trem*, em diversos gêneros textuais e em diferentes situações comunicativas, costuma ser associado com adjetivos de valor positivo, como é o caso de *bom* e *bão*. Nesse sentido, as construções *trem bom* ou *trem bão* são usadas em nomes de diversas letras de músicas, estabelecimentos comerciais<sup>3</sup>, blogs, etc. e ocorrem, inclusive, como marcas registradas. Para se ter uma ideia, no banco de dados do INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial), encontramos vários registros de marcas de restaurantes, lanchonetes, comércios de produtos alimentícios, entre outras, que fazem uso dessas construções<sup>4</sup>.

Por outro lado, o dicionário Aulete Digital (Aulete, 2013) apresenta diferentes acepções de sentido negativo para *trem*, como “pessoa ou coisa inútil” e “pessoa ou coisa sem valor ou utilidade”. Essa análise será retomada na próxima seção.

A análise dos dados de língua oral que será apresentada possibilitará verificar se *trem* ocorre preferencialmente para a referência a entidades

<sup>3</sup> Vejam-se, como exemplo, as páginas web: <http://www.trembomdeminas.com.br/>; <http://www.trembaonapraca.com.br/>. Acesso em 6 jan. 2014.

<sup>4</sup> Consultem-se os processos nº 829234810, nº 830258094, nº 904429890 e nº 840325967, disponíveis em: <[https://gru.inpi.gov.br/pPI/jsp/marcas/Pesquisa\\_classe\\_basica.jsp](https://gru.inpi.gov.br/pPI/jsp/marcas/Pesquisa_classe_basica.jsp)>. Acesso em 26 dez. 2013.

positivas ou negativas no português falado em Minas Gerais, respondendo assim à questão anterior.

Apoiando-se em arcabouços teóricos diferentes, especialmente o da Linguística Cognitiva e o da Pragmática, Schmid (2000) investiga o uso de itens como *case, fact, point, thing*, etc. e os coloca em um grupo que o autor chama de *substantivos concha (shell nouns)*. Schmid inclui esses elementos entre os substantivos plenos e os pronomes anafóricos, a partir de três propriedades: potencial de caracterização, potencial de formação conceitual e potencial de ligação (coesiva). Com relação à primeira propriedade, os substantivos plenos teriam grande potencial para a caracterização do que os falantes querem dizer, enquanto os pronomes anafóricos teriam potencial muito limitado. No que se refere à segunda propriedade, os substantivos plenos têm uma relação relativamente constante com o conceito que encapsulam. Pronomes, por outro lado, não possibilitam a instanciação de conceitos estáveis, mas apenas temporários. Com respeito à terceira propriedade, os substantivos plenos teriam mais dificilmente o potencial para criar elos coesivos, ao passo que pronomes são os melhores exemplos de estabelecimento de coesão, levando o usuário da língua a interpretar dois grupos de elementos linguísticos como relacionados ou mesmo dependentes um do outro. Na análise das três propriedades, Schmid (2000, p. 19) observa que os *substantivos concha* estão em posição intermediária entre os substantivos plenos e os pronomes anafóricos. Mas, com respeito à propriedade de ligação, o autor destaca que os *substantivos concha* que investiga estão mais próximos da anáfora que dos pronomes plenos.

Oliveira (2006), por sua vez, estuda o comportamento linguístico do que ela chama de substantivos-suporte (substantivos acompanhados de adjetivos (S + Adj), em que aqueles estão em situação análoga à dos verbos-suporte). A autora afirma que é possível relacionar tais elementos com os *substantivos concha* de Schmid (2000) no que se refere ao potencial de caracterização e ao potencial de formação de conceito. Oliveira investiga o comportamento de itens como: *âmbito, área, aspecto, base, campo, caráter, coisa, componente*, etc. e afirma que, com respeito à propriedade de potencial de ligação, os substantivos-suporte se diferenciam dos *substantivos concha* de Schmid (2000, p. 51), pois não haveria, em seu caso, a função de coesão textual.

Neste trabalho, assume-se que *trem* também está em posição intermediária entre substantivos plenos e pronomes, mas, ao contrário de Oliveira (2000), espera-se uma função coesiva maior. Nesse sentido, *trem* estaria mais distante ainda dos *substantivos concha* de Schmid (2000), pois não teria o conteúdo lexical que é possível observar em grande parte dos itens que estuda. Isso se explicaria pela evolução semântica do *trem*, tema que será tratado mais adiante.

Considerando-se a hipótese de uma função coesiva importante para o item *trem*, pode-se avaliar, com os dados coletados, a foricidade do sintagma que contém esse nome geral. Por foricidade, entende-se uma operação desencadeada por sintagmas que retomam entidades ou noções já introduzidas no discurso (anáfora) ou que antecipam alguma noção ou entidade a ser veiculada posteriormente (catáfora) (Castilho, 2010, p. 125).

A operação de retomada anafórica pode se dar por meio de pronomes ou por sintagmas nominais nucleados por substantivos. Entre estes, incluem-se os rótulos retrospectivos analisados por Francis (2003) como elementos de coesão lexical. O autor chama de *rótulo* um elemento nominal não específico que exige a realização léxica do seu referente no cotexto, como em (1), em que *este problema* retoma (e rotula) a rejeição aos anticorpos pelo sistema imunológico do rato:

(1) ...o sistema imunológico dos pacientes reconheceu os anticorpos do rato e os rejeitou. Isto significa que eles não permanecem no sistema por tempo suficiente para se tornarem completamente eficazes. A segunda geração de anticorpos agora em desenvolvimento é uma tentativa de contornar **este problema** através da “humanização” dos anticorpos do rato, usando uma técnica desenvolvida por... (Francis, 2003, p. 195)

Entre os tipos de rótulos identificados por Francis (2003), encontram-se os rótulos retrospectivos (anafóricos) que atuam como proformas. Segundo o autor:

Os nomes nucleares de rótulos retrospectivos são quase sempre precedidos de um dêitico específico, como *o, este, aquele, esse* ou *tal*, e podem ter outros modificadores e qualificadores também. O grupo nominal todo funciona muito bem como uma proforma ou um item referencial. Neste aspecto, os rótulos **são muito semelhantes aos nomes gerais identificados por Halliday e Hasan (1976: 27)** (Francis, 2003, p. 196) (negrito nosso)

Outro aspecto destacado por Francis (2003, p. 197) é que os rótulos não têm um sinônimo no discurso precedente. A esse respeito, seria possível imaginar uma relação de sinonímia entre *trem* e *coisa*, tema que será discutido na próxima seção.

Como é possível perceber, o comportamento linguístico de *trem* encontra semelhanças com um conjunto de itens denominados de diferentes formas: substantivos *passé-partout* (Mihatsch, 2006); substantivos *concha* (Schmid, 2000); substantivos *suporte* (Oliveira, 2006); rótulo (Francis, 2003). Neste trabalho, assume-se, no entanto, que *trem* integra o conjunto dos *nomes gerais*. Em todo caso, considerando-se o exposto, a análise

das ocorrências de *trem* permite observar seu comportamento gramatical, bem como apresentar uma descrição relativa à foricidade e à relação com os casos de rótulos citados. Espera-se que, embora não possua conteúdo lexical, diferentemente de grande parte dos substantivos analisados por Schmid (2000), Oliveira (2006) e Francis (2003), seria comum ao item *trem* a função de rotular informações precedentes e atuar efetivamente como uma proforma.

## O nome geral *trem*

Em trabalho sobre diferentes tipos de núcleos das formas nominiais anafóricas, Koch (2004, p. 250) afirma: “outra forma de retomada anafórica é a que se faz por meio de nomes genéricos, tais como *coisa*, *pessoa*, *negócio*, *criatura*, *indivíduo*”. Para a autora, “a seleção do termo anafórico pode estar ligada à variedade regional ou social dos interlocutores” (Koch, 2004, p. 250). Como exemplo da sua hipótese, continua: “O uso de ‘*trem*’ (=coisa) seria, provavelmente, indicativo do dialeto mineiro, enquanto *cara* indicaria o estilo coloquial ou da gíria, e *companheiro*, *camarada* poderiam ter, dependendo do contexto discursivo, conotações políticas”. Como se vê, a autora inclui a forma *trem* como exemplo de *nomes genéricos anafóricos* e levanta uma hipótese a respeito do seu uso em relação à variação dialetal, mas não chega a desenvolver uma análise sobre anáforas com esse item.

De fato, a palavra *trem*, embora seja de uso muito comum em determinadas variedades do português brasileiro, somente há pouco tempo vem recebendo uma atenção maior por parte das pesquisas linguísticas. A seguir, será retomada a abordagem que é dada a esse item por obras lexicográficas e, em seguida, por estudos linguísticos recentes.

Consultando o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (Houaiss, 2009), encontra-se a seguinte acepção, que aproxima *trem* a um nome geral: “(Regionalismo: Minas Gerais, Goiás, Tocantins. Uso: informal) palavra-ônibus us. em lugar de qualquer fato ou objeto; troço, treco, coisa”. De modo semelhante, o Aulete Digital (Aulete, 2013) também registra esse uso, além de acrescentar outras acepções:

- 9 MG GO TO Pop. Qualquer objeto; COISA; TRECO.
10. MG GO TO Pop. Indisposição física.
11. MG S Pej. Pop. Pessoa ou coisa inútil.
12. MG S Pej. Pop. Diz-se de pessoa ou coisa sem valor ou utilidade (Aulete, 2013).

É possível observar que o Aulete Digital apresenta diferentes acepções, marcadas com as rubricas *popular* e *regionalismo*, além de, nos

dois últimos casos, *pejorativo*. Nas acepções (11) e (12), o dicionário atribui o uso de *trem* para pessoa ou coisa. Nos dados desta pesquisa, não há nenhuma ocorrência estritamente para pessoa, conforme será visto a seguir.

Em trabalho publicado recentemente, Ramos (2013) analisa o desenvolvimento histórico de *trem*. Em seu estudo, a autora observa que o uso desse item no dialeto mineiro, denotando um conjunto geralmente impreciso de objetos, faz parte de uma trajetória semântica de mais de trezentos anos. Ramos postula dois caminhos para as acepções de *trem*, as quais partem do conceito de ‘conjunto das pessoas que conduzem outra ou acompanham-na numa viagem’. Esse conceito teria se dividido em duas trajetórias:

- 1 - ‘o que conduz alguém numa viagem’ > ‘comboio’ / ‘trem de ferro’
- 2 - ‘conjunto das pessoas e objetos que acompanham alguém numa viagem’ > ‘conjuntos dos objetos que uma pessoa leva numa viagem, bagagem’ > conjunto de pessoas > qualquer coisa

A trajetória desse item é retomada por Amaral e Ramos (a sair), que ainda verificam que *trem*, como nome geral, apresenta as seguintes propriedades:

- a) possui referência vaga;
- b) possui traço [-animado];
- c) não apresenta marcas de plural;
- d) não possui flexão de gênero;
- e) se une a sufixos para formar derivados (*trenzim* < *trenzinho*);
- f) é usado em expressões fixas (*trem bom*; *trem de doído*);
- g) é elemento fórico.

Essas propriedades foram também observadas nos dados coletados para este trabalho. Entretanto, são discutidas aqui novas questões relacionadas ao nome geral *trem*, especialmente as que se referem a traços semânticos e textuais. Para que se tenha uma descrição mais completa dos usos de *trem* no português falado em Minas, faz-se necessário observar a frequência desse item com relação à referência a entidades concretas ou abstratas ou a entidades de avaliação positiva ou negativa.

Em análise com dados de língua oral, Amaral (2013, p. 147) observa que *trem* não “constitui o recurso mais frequente entre os falantes do português de Minas para algo cujo nome não se sabe ou não existe ou se apreende como não existente”. De acordo com o autor, entre os nomes gerais, *coisa* ocupa a liderança, sendo o preferido para as entidades não humanas. Além disso, é observado que *coisa* é usado preferencialmente para a referência a entidades abstratas, como (2), em oposição às entidades concretas como, (3):

- (2) eles fala muita **coisa** que tem a ver com a vida da gente né?  
(3) ele era carpinteiro e fabricava **coisas** maravilhosas (Amaral, 2013, p. 145)

Neste trabalho, verifica-se se o mesmo pode ser afirmado para *trem*, ou se este nome apresenta tendência diferente. Antes, porém, de analisar essas questões, apresentam-se a seguir informações sobre a metodologia da pesquisa.

## ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para este artigo, foi utilizado um *corpus* de 300.000 palavras, que contém gravações de entrevistas sociolinguísticas realizadas com moradores de diferentes cidades de Minas Gerais. Em todos os casos, tomou-se o cuidado de coletar os dados em entrevistas com falantes que tivessem nascido e vivido a maior parte da vida na correspondente cidade mineira, tal como se faz em pesquisas de cunho sociolinguístico. Esse fato garante que todos os exemplos analisados sejam ocorrências de uso real da língua falada por habitantes de Minas Gerais.

As ocorrências coletadas no *corpus*, que totalizaram 106, foram registradas nas entrevistas das seguintes cidades: Bambuí (BMB), Caeté (CTE), Ouro Preto (OPR), Nova Lima (NLM), Paracatu (PRC), Piranga (PIR), Santa Luzia (STL), São João da Ponte (SJP), Sericita (SRC) e Sete Lagoas (SLG)<sup>5</sup>. Com relação ao número total de dados em análise, embora não seja quantitativamente alto, pode-se dizer que apresenta um valor bem satisfatório, já que se verificou em testes que, em entrevistas sociolinguísticas, a frequência de *trem* não é muito alta, ocorrendo em média uma vez a cada 28 minutos.

Para a análise dos contextos de ocorrência de *trem*, foi utilizado o concordanciador *Antconc 3.2.4w*, um *software* livre para pesquisa em linguística de *corpus* (Anthony, 2013). Por meio da ferramenta *Clusters*, podem ser observados os agrupamentos lexicais em torno de uma palavra. Para a análise dos demais aspectos, foram elaboradas planilhas com as ocorrências e os respectivos traços semânticos e textuais, o que permitiu observar a frequência de cada um, conforme será visto a seguir<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Embora o foco deste trabalho não seja apresentar uma análise dialetal, observamos que as ocorrências coletadas pertencem a diferentes regiões do estado.

<sup>6</sup> Como o objetivo deste trabalho é a análise do item *trem* como nome geral, obviamente não foram consideradas as ocorrências em que aparece com a acepção de 'locomotiva' ou 'trem de ferro'

## ANÁLISE

Todas as ocorrências no *corpus* registram a forma *trem* no singular. Mesmo nos casos em que há um determinante no plural, artigo ou demonstrativo, a forma *trem* permanece no singular, como é possível observar nos exemplos (4) a (6).

- (4) (vou) jogar esse **trem** fora (tava tirando) os **trem** daqui (CTE)  
(5) eu virei pra ele e falei assim... po[de] ir... que... como cê ta amarrado em mim... a hora que ocê for eu/vai acabar que eu vou também ne? aí a gente foi assim... porque/eu morro de medo de altura... esses **trem** (NLM)  
(6) antigamente o povo tinha aquelas tropa aqueles ( ) aqueles **trem** foi pono arrumano dinheiro esses **trem** pôs dento fez a fe[i]ra fez tudo (SJP)

Além disso, não há nenhuma ocorrência no *corpus* em que *trem* se refira a entidades humanas. Todas recebem o traço [-humano], o que não confirma a possibilidade exposta pelo Aulete Digital de que *trem* se referir a pessoa, conforme discutido anteriormente. Essas observações, aliadas a outras propriedades já observadas por Amaral e Ramos (a sair) e citadas acima, ratificam a inclusão de *trem* no conjunto dos nomes gerais. Vejam-se, a seguir, outros traços verificados no *corpus* deste trabalho.

Com o objetivo de observar a configuração dos sintagmas em que ocorre *trem*, foi utilizado, conforme já explicado, o concordanciador AntConc 3.2.4w. Considerando os elementos que ocorrem à esquerda de *trem*, observa-se, pela Tabela 1, que há uma predominância dos demonstrativos, sobretudo da forma *esse/s*.

TABELA 1 – Quantificação dos elementos que ocorrem à esquerda de *trem*

Elementos à esquerda de <i>trem</i>	Número	%
esse/s	47	44,3
aquele/s	22	20,8
o/os	17	16,0
um/uns	11	10,4
zero	9	8,5
<b>Total</b>	<b>106</b>	<b>100,0</b>

Como se vê, 44,3% das ocorrências de *trem* estão precedidas por *esse/s*. A Figura 1 abaixo apresenta as 20 primeiras linhas de concordância com o item *trem* antecedido por esse demonstrativo. Note-se que as concordâncias permitem visualizar bem a forma categórica de *trem* no singular, mesmo sendo antecedido por *esses*.

```

1 | bunito né quem apusentas né? gen/engenhero esses trem assim que apusenta já tem as/compra as ca:
2 | simultâneas) COLABORADOR: num sei onde é esse trem não INFORMANTE 2 onde cê acha que é em Rai
3 | ente? secretário... intão/mas é muito bom esses trem boba eu gosto demais da conta aqui em ca:
4 | e ro[ulpa num tinha onde por (vou) jogar esse trem fora (tava tirando) os XXX daqui (vou) jo:
5 | sabe falei acho que eu num vou [a]lugar esse trem não quando/quando restaurô esse museu resta:
6 | ia só... ficô cinco ano fechado vamo por esse trem pa[ra] funcionar... nós ficamô assim nós tar
7 | mô assim nós tamo aqui agora ( ) vamo por esse trem pa[ra] funcionar puque se não o museu vai :
8 | mais envolvido é na.../nas internet... é esse trem eu acho que tem até que tomar muito cuidad:
9 | m... porque/eu morro de medo de altura... esses trem ( ) PESQUISADOR minha vô... é... da part
10 | do... é completamente diferente... num tem esse trem panela essas coisas assim não... INFORMA:
11 | ou menos pra... falar? INFORMANTE: ah tem esses trem de Vila Rica aí... chegaram aí não sei q
12 | tenho um po[u]co de nojo de boca assim... esses trem assim... PESQUISADOR INFORMANTE: não... e
13 | á... p[ri]o morro aba[il]xo... cêis segura esse trem aqui porque... se virar cês [alinda toma co
14 | é. Ttrabaiu de machado , de inxada, foice, esses trem assim ENTREVISTADOR que eu num sinti dó
15 | h nós vai { } eu falei quã num precisa não esse trem num tá dueno não aí ele aí mãe ah não tem
16 | e tá aí num aplica nestresia não. mais que esse trem dueu demais dueu. e falava cum mãe oi pcê
17 | u demais dueu. e falava cum mãe oi pcê vê esse trem tá dueno demais eu num vô pa escola hoje ni
18 | dueno demais eu num vô pa escola hoje não esse trem tá ruim eu vô voltá esse trem tá muito ru:
19 | la hoje não esse trem tá ruim eu vô voltá esse trem tá muito ruim muito sem graça deu um corte
20 | sem graça deu um corte fundo nesse negócio esse trem deu sangue e es cá cá cá quando foi um di:

```

FIGURA 1 – Linhas de concordância geradas com a busca automática por *esse\* trem*

Com relação aos aspectos semânticos e considerando o exposto no início deste texto, foi observado se o uso de *trem* está mais associado a referentes avaliados positiva ou negativamente pelo falante. Em (7), o falante se refere a atividades e cargos de uma associação e em (8) a um prato de comida. Em tais exemplos, os referentes podem ser considerados como avaliados positivamente pelos pelo informante.

(7) INFORMANTE: tem eleição tem a diretoria tem a mesa cê escolhe tesorero e... hum cum/comé que fala o presidente tesorero e... assim tem (estado) do caixa... sabe tem u[m]a pessoa que fica só co[m] coisa do caixa [...] igual NPr é... que mexe com ata [...] cumé que chama gente? secretário... intão/mas é muito bom **esses trem** boba eu gosto demais da conta (CTE)<sup>7</sup>.

(8) um pra[to] de armoço quê que vale esse **trem** pra mim... intão eu num vô negá ele esse **trem** nunca (PIR)

Por outro lado, em (9) e (10), observam-se exemplos em que os falantes usam *trem* para a referência a entidades avaliadas negativamente. Em (9), o informante se refere ao fato de ter um filho preso e em (10), a uma lesão corporal:

(9) INFORMANTE: não problema de saúde não eu ten/tenho um filho preso  
PESQUISADOR: ah tá  
INFORMANTE: e isso [a]caba comigo sabe... intão hoje mesmo eu fui visitar ele sabe? intão é um **trem** que comprica a gente muito... (CTE)  
(10) e falava cum mãe o[lha] p[ara] cê vê esse **trem** tá dueno demais (SJP)

Naturalmente, há contextos em que não é possível classificar a entidade referida como algo positivo ou negativo. Isso é o que ocorre em (11), em que o informante usa *trem* porque esqueceu o nome *parapente*, mas o recorda logo em seguida. Geralmente, nesses casos não há informações contextuais para se decidir se há uma avaliação positiva ou negativa.

(11) pulei de...de...comé que chama aquele **trem** gente? parapente... e aí foi... (NLM)

Considerando a distinção acima, a análise dos dados demonstra que há uma forte tendência ao emprego de *trem* para entidades negativas, conforme se vê no gráfico abaixo:

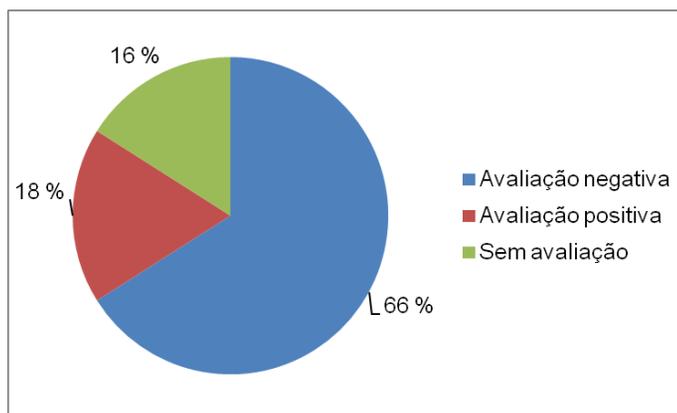


GRAFICO 1 – Quantificação dos usos de *trem* em relação a uma avaliação negativa ou positiva do referente

Se, por um lado, esse resultado vai de encontro ao uso de *trem* observado em letras de músicas, estabelecimentos comerciais, blogs, etc, conforme apontado acima, por outro lado, ele se alinha aos usos dos substantivos *passe-partout* discutidos por Mihatsch (2006) e confirma a primeira hipótese levantada neste trabalho, a de que *trem* é usado

preferencialmente em contextos negativos.

Os dados também permitem observar se há uma tendência do uso de *trem* para referente de traço [concreto] ou [abstrato]. O gráfico abaixo mostra um valor maior (embora não muito superior) do emprego de *trem* para entidades concretas, se comparadas àquelas que são abstratas.

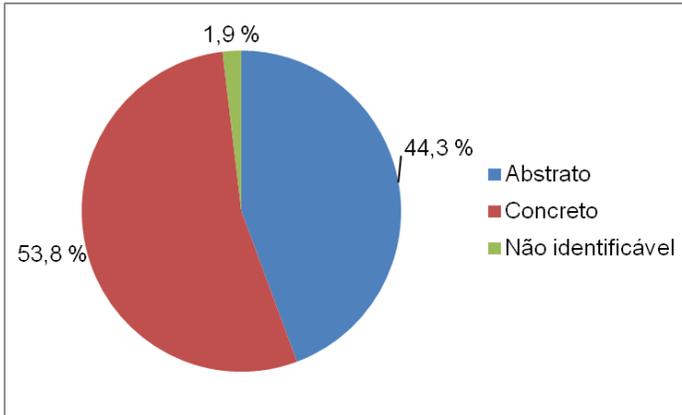


GRÁFICO 2 – Quantificação dos usos de *trem* em relação aos traços [abstrato] X [concreto]

Esse resultado exhibe uma diferença semântica de *trem* com relação a *coisa*. Embora ambos tenham propriedades de nome geral, é possível afirmar que, enquanto o falante utiliza *coisa* preferencialmente para entidades abstratas (Amaral, 2013a), há uma preferência um pouco maior de *trem* quando se trata de referentes concretos, como é possível verificar em (12).

(12) eu sou lavradô né... trabaio de machado... de inxada... foice...  
esses **trem** assim (SJP)

Outro grupo de propriedades pesquisadas se relaciona com os traços textuais dos empregos de *trem*. Para uma análise das propriedades textuais, os dados foram, em um primeiro momento, classificados em usos fóricos – sejam anáforicos, como (13), ou catafóricos, como (14) – ou não fóricos.

(13) PESQUISADOR: mais cê já viu alguma cascavel enrolada?  
INFORMANTE: não aqui... nói matô no meio do terrero ostro dia  
PESQUISADOR.: aqui?  
INFORMANTE: aqui... esticadinha... nói tava aqui ó... aqui sentada  
aqui na porta ... tá aquele **trem** esticado de assim no meio do terrero...  
perto da portera ali ó (PIR) (*trem* = cobra cascavel)

(14) porque todo mundo interage com todo mundo... é completamente diferente... num tem esse **trem** panela essas coisas assim não (OPR) [*trem* = panela ‘grupo fechado’ ‘panelinha’]

Como usos não fóricos, estão ocorrências como (15) e (16), que foram incluídas nos casos em que o falante não retoma entidade do discurso precedente, nem está introduzindo entidade que será retomada posteriormente. Em (15), a informante refere-se a objetos que estavam sobre a mesa e, com seu próprio movimento, vai retirando tais objetos da mesa e colocando-os em outro lugar. O emprego de *esse trem* se aproxima do uso do pronome dêitico *isso* e (15) poderia ser parafraseado por (15a). Em (16), o falante faz referência a uma entidade cuja identificação não considera relevante para sua narrativa, o que se confirma pelo fato de continuar seu discurso sem retomá-la.

(15) (vou) jogar esse **trem** fora (tava tirando) os trem daqui (CTE)

(15a) (vou) jogar **isso** fora (tava tirando) os trem daqui

(16) quando deu mea noite ele iscutô cunversano ele correu e infô dibaxo dum mucado de **trem** lá aí foi na época que os cara chegô (SJP)

O resultado da classificação acima pode ser visualizado no gráfico abaixo:

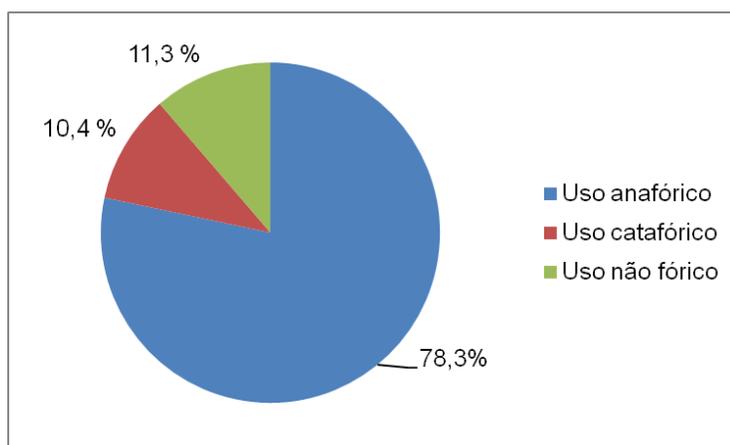


GRÁFICO 3 – Foricidade do nome geral *trem*

Os resultados mostram que a maior parte dos empregos de *trem* (78,3 % = 83 ocorrências) nos dados coletados se dá em contextos anafóricos. Esse resultado confirma a expectativa inicial e permite aproximar esse nome geral aos pronomes que exercem função anafórica.

Pode-se, assim, passar a uma etapa posterior, que é a de verificar se esses usos anafóricos podem ser relacionados aos rótulos retrospectivos de Francis (2003). Os exemplos (17) a (20) são ocorrências anafóricas, mas (17) e (18) são consideradas aqui anáforas não rotuladoras e (19) e (20), anáforas rotuladoras, já que nestas últimas o sintagma que contém *trem* serve para rotular ou encapsular um conjunto de entidades ou informações precedentes.

(17) suspendeu o ônibus prá tirá gente debaixo dele... quem que guentava suspendê o ônibus... um **trem** daquele... .. aí... aí os outro falô (PIR) [trem = ônibus]

(18) museu ficô fechado três dia só... ficô cinco ano fechado “vamo por esse **trem** pa[ra] funcionar”... [trem = museu]

(19) eu sou lavradô né... trabaio de machado... de inxada... foice... esses **trem** assim (SJP) [trem = ferramentas citadas: machado, enxada, foice]

(20) INFORMANTE: tem eleição tem a direturia tem a mesa cê escolhe tesorero e... hum cum/comé que fala o presidente tesorero e... assim tem (estado) do ca[i]xa... sabe tem u[m]a pessoa que fica só co[m] coisa do caixa

PESQUISADOR 1: hum

INFORMANTE: igual NPr... NPr é... que mexe com ata

PESQUISADOR: 2: ah tá

INFORMANTE: cumé que chama gente? secretário... intão/mas é muito bom esses **trem** boba eu gosto dimais da conta (CTE) [trem = atividades da Sociedade São Vicente de Paula citadas anteriormente]

Classificando as 83 ocorrências anafóricas, obtêm-se os números da tabela abaixo:

TABELA 2 – Classificação das ocorrências anafóricas de *trem*

Tipo de anáfora	Número	%
Anáforas rotuladoras	16	19,3
Anáforas não rotuladoras	67	80,7
Total	83	100,0

Observa-se, assim, que *trem*, embora seja muito produtivo para anáforas, não é preferido para os casos em que o falante precisa de uma unidade para rotular informações precedentes. Esse resultado se alinha com aqueles apresentados nos gráficos 1 e 2. Se *trem* tende a ser usado para entidades concretas negativas, é compreensível que não seja a forma preferida para rótulos anafóricos. Para casos como estes, a língua disporia de outros nomes gerais como *coisa* ou *negócio*.

## CONCLUSÕES

Conforme comentado acima, Amaral e Ramos (a sair) haviam apresentado um conjunto de propriedades de *trem*. Além dessas propriedades, outras características do emprego de *trem* foram observadas neste trabalho, configurando, sobretudo, tendências no emprego desse nome geral. Assim, viu-se que, estruturalmente, esse nome geral é antecedido, na maior parte dos casos, por demonstrativos, sobretudo pelas formas *esse/s*. No que diz respeito a traços semânticos, verificou-se que é empregado preferencialmente para a referência a entidades avaliadas negativamente, o que confirma a hipótese relacionada ao uso de certos nomes gerais para algo que causa incômodo ao falante. Além disso, há uma tendência um pouco maior do uso de *trem* para entidades concretas se comparadas às abstratas, o que diferencia o uso desse item do emprego de *coisa*. Com relação às propriedades textuais, observou-se que, apesar de haver no *corpus* usos não fóricos e inclusive dêiticos, *trem* ocorre preferencialmente em contextos anafóricos. Entretanto, entre os tipos de anáforas, não predominam as rotuladoras.

Os resultados acima podem ser sintetizados no quadro a seguir:

Traços categóricos de <i>trem</i>	Tendências do emprego de <i>trem</i>
a) traço [-humano]; b) ausência de marca de plural.	a) antecedido por demonstrativos; b) referência a entidades negativas; c) referência a entidades concretas; d) uso em contextos anafóricos.

QUADRO 1 – Traços categóricos e tendências do emprego de *trem*

Pode-se agora voltar ao título deste artigo e responder à questão proposta: “para que serve esse *trem*?” Com base nos resultados deste trabalho, pode-se afirmar que, para os falantes dos dados coletados em Minas Gerais, *trem* é usado preferencialmente para a referência anafórica a entidades concretas não humanas que recebem avaliação negativa.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. *Os nomes gerais em três localidades mineiras*: Campanha, Minas Novas e Paracatu. *Todas as Letras*, v. 15, n. 1, p. 138-151, 2013.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; RAMOS, Jânia. *Nomes gerais no português brasileiro*. Belo Horizonte: Ed. FALE-UFMG / O Lutador (a sair).
- ANTHONY, Laurence. AntConc. Disponível em: <<http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software.html>>. Acesso em 1 out. 2013.
- AULETE Digital: dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Disponível em: <[www.auladigital.com.br](http://www.auladigital.com.br)>. Acesso em 27 dez. 2013.
- CASTILHO, Ataliba. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FRANCIS, Gill. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B. CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228.
- GIACALONE RAMAT, Anna; SANSÒ, Andrea. The spread and decline of indefinite *man*-constructions in European languages: an areal perspective. In: RAMAT, Paolo; ROMA, Elisa (eds.). *Europe and the Mediterranean as Linguistic Areas: convergencies from a historical and typological perspective*. Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins, 2007. p. 95-131.
- GIACALONE RAMAT, Anna; SANSÒ, Andrea. L'emploi indéfini de *homo* en latin tardif: aux origines d'un "européanisme". In: FRUYT, M.; SPEVAK, O. (eds.). *La quantification en latin*. Paris: Harmattan, 2011. p. 93-115.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. 14. ed. London / New York: Longman, 1995 [1976].
- HASPELMATH, Martin. *Indefinite pronouns*. Oxford (Oxford studies in typology and linguistic theory): Clarendon, 1997.
- HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- HEINE, Bernd; SONG, Kyung-an. On the genesis of personal pronouns: some conceptual sources. *Language and cognition*, v. 2, n. 1, 2010, p. 117-147.
- HEINE, Bernd; SONG, Kyung-Na. On the grammaticalization of personal pronouns. *Journal of Linguistics*, v. 47, 2011, p. 587-630.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.
- KOCH, I. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria J.; OLIVEIRA, R. P. (orgs.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 244-262.
- MIHATSCH, Wiltrud. *Kognitive Grundlagen lexikalischer Hierarchien: untersucht am Beispiel des Französischen und Spanischen*. Tübingen: Max Niemeyer, 2006.

OLIVEIRA, Claudia M. Garcia Medeiros de. *O substantivo-suporte: critérios operacionais de caracterização*. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em . Acesso em 17 abr. 2012.

RAMOS, Jânia M. O surgimento de um nome geral: a lexia *trem* no dialeto mineiro. In: RAMOS, Jânia M.; COELHO, Sueli M.. *Português brasileiro dialetal: temas gramaticais*. Campinas: Mercado de Letras, 2013. p. 137-147.

SCHMID, Hans-Jörg. *English abstract nouns as conceptual shells*. Berlin – New York: Mouton de Gruyter, 2000.

